



## Dívida tem de ser paga, diz Delfim Neto.

O ex-ministro do Planejamento Antônio Delfim Neto escolheu a Argentina para fazer suas primeiras declarações acerca da política econômica brasileira. Evitando qualquer crítica ao governo da Nova República, ele preferiu vestir a camisa de professor de economia ao dar uma aula sobre como se pode conduzir uma política de ajustamento num país com grande dívida externa. Sua palestra, pronunciada anteontem à noite, diante do Conselho Argentino para as Relações Exteriores, foi recebida com grandes aplausos por uma platéia composta por numerosos ex-ministros e empresários de grande prestígio.

Após ter lembrado que a dívida externa não é um problema apenas para os países em desenvolvimento, mas também para os países ricos, cuja dívida atinge US\$ 2,7 trilhões, contra somente US\$ 900 bilhões para os primeiros, o ex-ministro insistiu na necessidade de se manter com os bancos credores uma posição civilizada: não é educado falar que a dívida não será paga, ainda que todos saibam disso; é preciso dar garantia de que o serviço da dívida será pago. Para isso existe uma só solução: conseguir um superávit da balança comercial para honrar os compromissos.

Do ponto de vista de Antônio Delfim Neto, uma política sadia de ajustamento tem de visar dois objetivos: gerar uma poupança interna equivalente ao serviço da dívida externa e transformar esta poupança em exportações. Isso exige inicialmente uma redução do consumo interno e dos investimentos. É uma fase difícil, pois passa por uma recessão, mas logo se verificará que a exportação permite a recuperação econômica.

Existe outro problema delicado: a necessidade de transferir grande parte da poupança interna privada para o setor público, pois deve haver equivalência entre poupança e serviço da dívida, sendo que o setor público é responsável pela maior parte da dívida externa. Isso terá de se fazer através da colocação de títulos da dívida pública, o que eleva a taxa de juros. No entanto, diante dessa situação, a empresa privada se ajusta rapidamente através de uma capitalização que tem resultados muito positivos. Maior é a dificuldade do governo, que tem de obter um superávit operacional.

Delfim Neto mostrou-se contrário a qualquer tentativa de uma ação conjunta para resolver o problema da dívida externa. Ele está cético quanto à possibilidade de obter um afluxo de capital estrangeiro sob forma de investimento direto nas circunstâncias atuais.

Seu ceticismo é ainda maior quando se pensa em vender empresas estatais ao capital estrangeiro ou privado. Existe, afirma ele, um processo político que quer vender essas empresas ao custo de reposição, não ao preço que decorreria da capacidade de gerar lucros. O ex-ministro, quando interrogado sobre os perigos da atual reforma agrária, esclareceu que tem certeza de não é intenção do novo governo seguir uma política incendiária e a reforma será restrita aos pontos em que existem verdadeiras tensões sociais, sem tocar nas propriedades que estão produzindo.

Para o ex-ministro, existe uma preocupação exagerada com o protecionismo dos países industrializados. "Temos de acreditar nas forças de mercado e não nos deixar impressionar com a política de intimidação dos protecionistas, que estão anunciando medidas apenas para impedir os interessados em expandir a exportação de realizarem os investimentos necessários", explicou. Delfim Neto mostrou que as forças do mercado sempre ganham, lembrando o desmoronamento da Opep, depois da sua tentativa de manter um cartel.

O ex-ministro, que se procurou informar sobre o atual plano de ajustamento da Argentina, manifestou um grande entusiasmo com essa política, especialmente pelo fato de o presidente Alfonsín ter conseguido do apoio de toda a nação para levá-lo adiante. **Robert Appy, enviado especial.**